

Processos de aprendizagem das mulheres do Rock/Metal em Caxias do Sul

GTE 18 – Gênero, sexualidade e interseccionalidades e/em Educação Musical

Comunicação

*Patrícia Pereira Porto
Universidade de Caxias do Sul
porto.pp@gmail.com*

*Ingridi Verardo de Moraes
Universidade de Caxias do Sul
ivmoraes@ucs.br*

Resumo: O presente artigo traz um breve relato da pesquisa realizada no município de Caxias do Sul - RS com as mulheres que participam da cena Rock/Metal. O objetivo da pesquisa é identificar de que forma o machismo interfere nos processos de aprendizagem das mulheres musicistas que atuam na cena. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre estudos de gênero e sobre Mulheres no Rock, assim como foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as musicistas da região, visando confrontar a experiência dessas mulheres com o referencial teórico. De uma forma geral, observa-se que apesar do percurso na aprendizagem das mulheres do Rock/Metal sejam por vezes diferentes, o machismo presente na cena interfere diretamente nesses processos, pois encontra-se em todas as instâncias do cotidiano das mulheres.

Palavras-chave: Processos de Aprendizagem; Estudos de Gênero; Mulheres no Rock.

Introdução

Partindo-se do pressuposto que a educação musical deve estar atenta à relação dos sujeitos em seu cotidiano e aos espaços em que vivem, o presente trabalho busca compreender o processo de aprendizagem das mulheres musicistas que fazem parte da cena Rock/Metal em Caxias do Sul - RS, considerando seu contexto familiar e social, para assim verificar se de alguma forma o ambiente machista do universo do Rock interferiu nesse processo.

Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico em artigos acadêmicos sobre estudos de gênero e sobre o metal *underground*, assim como em biografias de bandas formadas somente por mulheres ou que contivessem mulheres em sua formação. Da mesma forma, também foram utilizadas informações obtidas através de entrevistas em rádios, sites

de revistas e em *lives* ocorridas no ano de 2020, que tivessem como tema a discussão sobre o machismo no Rock.

Ainda como parte da metodologia do trabalho, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com mulheres que participam da cena Rock/Metal em Caxias do Sul, buscando entender como essas mulheres percebem seu entorno musical/social, e se identificam alguma interferência do machismo em seu processo de aprendizagem musical e atuação profissional.

Pretende-se, portanto, entender de que forma o gênero, enquanto parte constituinte do sujeito em seu ambiente social, afeta as escolhas musicais e os processos de aprendizagem das mulheres musicistas.

Pressupostos epistemológicos

O presente trabalho busca fazer uma leitura dos processos de aprendizagem das mulheres no Rock/Metal a partir de uma abordagem interseccional. Entende-se que a epistemologia feminista pode trazer novas configurações e concepções a uma nova política epistemológica que seja inclusiva à sujeitos “não-universais”. A epistemologia feminista parte de dois pontos de vista complementares (SATTLER, 2019, p. 3):

1. Por um lado, aquele que investiga as relações entre sujeito e objeto no ato do conhecimento;
2. Por outro lado, aquele que interroga as influências do gênero sobre concepções e práticas epistemológicas.

Partindo desses pontos de vista, passamos a ter uma nova compreensão e significação do que seria “adequação”, conceito este que abre um leque para outras categorias que antes nem eram lembradas – corpo e gênero, por exemplo.

A autora e ativista norte-americana Angela Davis comenta que o feminismo, em toda sua dimensão, deveria ser inclusivo. Segundo Davis,

Esta é uma das mais importantes dimensões do feminismo. Nós reconhecemos que ao falarmos sobre uma questão aparentemente pequena, afetamos o todo. E isso faz parte do entendimento de lutar por liberdade e justiça para todos. Para o feminismo ser relevante ele precisa ser antirracista e incluir todas as mulheres das mais diferentes esferas. (DAVIS apud MARTINELLI, 2019. S/N).

Para a autora, o feminismo deve “envolver uma consciência em relação ao capitalismo, ao racismo, ao colonialismo, às pós-colonidades, às capacidades físicas, a mais gêneros que jamais imaginamos, a mais sexualidades do que podemos nomear.” (DAVIS, 2018, p. 99).

Reitera-se assim, a importância da interseccionalidade na compreensão das construções sociais, políticas, culturais e ideológicas. Segundo Patrícia Hill Collins,

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS; BILGE, 2021, p. 17-18).

As práticas musicais refletem as estruturas de opressão da esfera social. Como poderá ser observado neste artigo, as delimitações sociais impostas às classes, raças e gêneros são também impostas à cena Rock/Metal, cujo simbolismo está associado a uma performance masculina e branca.

Rock é coisa de mulher

O Rock/Metal é um estilo tradicionalmente associado ao universo masculino. No livro ‘Not Just Tits in a Corset: Celebrating Women in Metal’ (Não somos só tetas em um Corset: Celebrando as Mulheres do Metal), Jill Hughes Kirtland comenta que,

Entonação de notas profundas, mas agudas, guitarras velozes e bateria de pedal duplo, eram geralmente executadas por homens. Com a testosterona nas alturas e com a agressividade da música, um show de metal não era lugar para uma garota, ou era o que muitos pensavam... (KIRTLAND, 2014, p. 09)¹.

Apesar dessa ‘tradição masculina’, a partir da década de 1980 as bandas de Rock e Metal começam a ter maior participação de mulheres em sua formação. A novidade

¹ Do original: “Belting out deep but high notes to shredding guitars and double bass drumming was usually done by a man. With testosterone flying high and the aggressiveness of the music, a metal concert was no place for a lady, or so many thought...”.

assustou ao mesmo tempo em que proporcionou um novo produto à indústria cultural, principalmente através da objetificação do corpo feminino.

A guitarrista da banda Fanny comenta que, naquele momento, em que muitas mulheres começaram no metal, ainda existia a concepção de que as mulheres deviam aprender a costurar, cozinhar e lavar, enquanto os homens deveriam se encarregar das ciências, do espaço público, da política, da administração e da tomada de decisões. (KIRTLAND, 2014, p. 10)

Simbolismos diferentes estão associados não apenas aos estilos musicais, como também aos instrumentos que são tocados. No caso do Rock, é mais habitual encontrarmos mulheres cantando do que tocando um instrumento. Instrumentos como a guitarra e o contrabaixo elétrico são associados à prática masculina. No que se refere às mulheres que tocam bateria, esse simbolismo se mostra ainda mais complexo, pois geralmente se supõe que o músico, para tocar bateria, precisa ter força, testosterona, ou seja, a bateria seria um instrumento não adequado ao “sexo frágil”. No caso do ‘Metal Extremo’, as vocalistas que fazem gutural², que fogem ao padrão do que seria uma vocalista “feminina”, também são vistas com ressalva por parte do público. Por sua vez, as vocalistas que cantam com o que seria considerada uma “voz feminina”, carregam o fardo de se mostrarem “femininas”, muitas vezes precisando ser “sensuais”, uma espécie de “princesa Disney das trevas”.

No que se refere ao Rock mais pesado, como os subgêneros do Metal, essas definições de espaços permitidos aos corpos femininos carregam o estereótipo da “não agressividade” feminina. Assim, o ‘Metal Extremo’, caracterizado pela “agressividade”, não seria um espaço adequado às mulheres.

Linda MacDonald, baterista do Phantom Blue, fala que as produtoras tiveram inicialmente dificuldade de vender seus discos, pois a banda não se encaixava no “tipo de Rock que as mulheres faziam”. Segundo ela, “eles não tinham ideia em como vender a gente, pois tínhamos um som muito pesado para a rádio e ainda não havia um modelo para eles seguirem. Nós não eramos as The Runaways, ou Lita Ford, ou The Beagles, ou as Go-Go’s, em que se tinha uma fórmula sólida para se espelhar³.” (KIRTLAND, 2014, p. 18).

² Técnica vocal que utiliza o som da garganta, muito comum em bandas de Metal Extremo e em algumas músicas tribais.

³ Do original: “They had no idea how to market us because we were too heavy for mainstream radio and there were no blueprints for them to follow. We were not the runaways or Lita ford or the bangles or the Go-Gos, were there was a solid formula laid out for their reference.”

Também buscando a não rejeição dos ouvintes pelo seu gênero e corpo, Angela Gossow, vocalista da Arch Enemy, comenta que quando ingressou na banda, o grupo optou por lançar seu single sem divulgar quem seria o vocalista. Assim, as pessoas ouviriam sem saber que a vocalista era uma mulher. A banda entendeu que, após lançado o single e tendo o público escutado sem o conhecimento do “corpo que gerava a voz”, “eles não poderiam voltar atrás e retirar a aprovação que tinham dado antes”. (KIRTLAND, 2014, p. 24)

O Rock se ramifica em distintos subgêneros musicais. Entendemos que em cada um desses subgêneros há também índices distintos de machismo. O Rock mais pesado, justamente por carregar essa ideia de “agressividade”, mantém muitas vezes uma incidência grande de preconceitos em relação aos corpos femininos. Ironicamente, pode-se dizer que é um dos espaços em que se tem percebido um crescimento exponencial da participação feminina, inclusive com festivais realizados apenas com bandas femininas, ou até mesmo a criação de coletivos de Rock apenas para mulheres, como relata a pesquisa realizada por Maria Amélia Benincá de Farias⁴.

Nesse percurso de busca pela ocupação desses espaços, as mulheres sofreram e ainda sofrem diversas discriminações. Lina McDonald comenta que quando sua banda estava em busca de produtores, ouviam comentários como “O que eu vou fazer com um ônibus cheio de mulheres em síndrome pré-menstrual?”⁵(KIRTLAND, 2014, p. 67-68)

O corpo feminino assusta, agride, é inconveniente. É habitual que bandas com destaque na cena recebam comentários fetichistas, como os citados por Fernanda Lira, ex-baixista e vocalista da banda Nervosa: “Vira e mexe, nas redes sociais, recebemos *nude* e mensagem de cara fazendo pedido estranho, tipo pra tocar descalça para poder ver nossos pés. Ou que pagaria pra ter uma foto da minha bunda. Quando posto foto de short ou biquíni, então, show de horrores nos comentários.” (MIRANDA, 2019, S/N)

Fernanda também comenta que uma vez a banda Nervosa inteira foi barrada no próprio camarim. Ao chegarem, o segurança disse que a partir daquele ponto só poderia passar a banda. Elas mostraram as credenciais e o segurança respondeu dizendo que era só

⁴ FARIAS, M. A. B. Enfrentando estereótipos de gênero em bandas de rock através de ações músico-pedagógicas inclusivas: uma pesquisa em educação musical em andamento. In: XIX ENCONTRO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 2020, Anais... Online, S/N.

⁵ Do original: “What would I do with a busload of P.M.S?”

para a banda e não para as acompanhantes. Ela teve, então, que chamar o produtor (homem) para explicar para o segurança que elas *eram* a banda. (LORENTZ, 2019, S/N)

Existem inúmeros relatos de situações semelhantes nos bastidores de shows. É frequente as organizações dos shows de Metal acharem que as mulheres são namoradas dos músicos, impedindo suas entradas nos ambientes restritos. E isso acontece também a nível internacional, muitas vezes com bandas bastante conhecidas, como no caso do White Zombie. A baixista do grupo, Sean Yseult, lembra que “a equipe local ou auxiliares de palco me tratavam como uma merda e tentavam me expulsar dos meus próprios bastidores, presumindo que eu não pertencia ao lugar, já que eu era uma menina. Mas os fãs e as bandas com quem tocamos sempre me aceitaram como um dos caras, o que eu adorei”. (BLABBERMOUTH.NET, 2010, S/N)

Muitas bandas sofrem pressão das produtoras para usar a imagem das musicistas mulheres nas capas dos álbuns. Charlotte Wessels, vocalista da banda holandesa Delain, comenta que seu produtor sugeriu que ela deveria estar nua na capa do álbum. Por pressão da produtora ela acabou aceitando e, quando devolveram as fotos, disse que percebeu que suas pernas não eram tão finas assim. Segundo ela, “Quando perguntei se haviam utilizado *photoshop* o homem me disse que sim, pois todo mundo queria parecer mais magro do que era. Eles me responderam que se eu não tivesse meu corpo em *photoshop*, eu teria problemas com o selo de gravadora.” (KIRTLAND, 2014, p. 77-78)

Esses processos discriminatórios acontecem não apenas com as mulheres artistas na cena do Rock, como também com as mulheres que participam enquanto público dos shows e festivais do estilo. É frequente as mulheres recorrerem aos “amigos homens” para irem assistir a um show, para “serem protegidas” de possíveis transtornos.

O movimento global contra a violência sexual e misoginia #MeToo tem sido um bom agente de mudanças sociais. Na Suécia também surgiu o movimento #KilltheKing, campanha que visa denunciar a masculinidade tóxica que ainda habita a cena do Metal. O movimento sueco enfureceu algumas bandas, como no caso da Destroyer 666, que declarou a seguinte opinião sobre movimento:

Algumas mulheres neste país tem um problema conosco. Eu sei do que elas precisam. De um pau duro! Pau no cú dessas sapatonas e sua politicagem. Esta música é dedicada às vagabundas do Kill the King. (WARSLUT, K.K, 2018, S/N).

A declaração do vocalista da banda só afirma o quanto ainda se fazem necessários movimentos como o #KilltheKing no combate ao racismo, misoginia, homofobia e transfobia que ainda existem na cultura da sociedade.

Processos de aprendizagem das mulheres do Rock/Metal

A presente pesquisa integra os trabalhos produzidos pelo Grupo de Pesquisa Música em Contexto(s) da Universidade de Caxias do Sul. Buscando compreender como acontecia o processo de aprendizagem das mulheres que participam da cena Rock/Metal de Caxias do Sul e região, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro musicistas. A delimitação do recorte se deu através de mostragem por conveniência, visto que as mulheres entrevistadas fazem parte do meio musical em que as pesquisadoras estavam inseridas. Também toma-se como princípio metodológico a pesquisa participante, visto a proximidade das pesquisadoras com o objeto de pesquisa.

A elaboração das perguntas buscou compreender o processo de aprendizagem das mulheres musicistas, considerando seu ambiente familiar e social, para assim verificar se de alguma forma o ambiente machista do universo do Rock interferiu nesse processo. Assim, alguns pontos de questionamento para a entrevista foram:

1. Conte um pouco sobre seu início no meio musical, se houve a participação de amigos, familiares e artistas.
2. A que você atribui o desenvolvimento de seu gosto musical?
3. Em seu processo de aprendizagem e início no meio musical, em algum momento você se sentiu “inferiorizada” por ser mulher? Se sim, de que forma?
4. Você entende que a aceitação de bandas de Rock/Metal é igual para homens e mulheres?
5. Você percebe alguma resistência na cena Rock/Metal em relação à participação das mulheres no palco?

Com base no roteiro de entrevista, foi possível elaborar algumas inferências a partir da resposta das entrevistadas. O nome das entrevistadas foi ocultado, para manter o anonimato. Assim, as musicistas serão nomeadas como ‘Pessoa’, acrescido de um número.

A Pessoa nº 1 toca bateria. Ela comenta que quando criança pediu para seus pais lhe colocarem em aulas de bateria, mas que estes não achavam que era instrumento de menina e lhe matricularam em aulas de teclado. Diz que o teclado não lhe causava interesse, e por isso, não se dedicava. Começou a tocar bateria, finalmente, após seus pais a verem tocar o

instrumento em um recital, percebendo que realmente era o que ela gostava e permitindo que cursasse aulas de bateria. Seis meses após ter iniciado as aulas de bateria, a Pessoa nº 1 ingressou em sua primeira banda.

A Pessoa nº 2 comenta que ganhou uma guitarra de seus pais aos 14 anos de idade. Começou a aprender a tocar guitarra de forma autodidata, através de *cover* de bandas como Guns N' Roses, Metallica, Boletto e ACDC. Como tinha amigos que tocavam, aprendeu através da troca de experiências.

A Pessoa nº 3 é baixista e também começou a tocar de forma autodidata. Inicialmente seu processo de aprendizagem se deu através de revistas que ensinam a tocar violão e guitarra, as quais, segundo a entrevistada, lhe permitiram ter um pouco de noção de escalas. A partir dos 14 anos começou a tocar contrabaixo elétrico. Segundo ela, ouvia bandas nas quais haviam mulheres contrabaixistas, com Sonic Youth, Pixies e Smashing Pumpkins, o que a motivou a tocar o instrumento. A partir de então, teve aulas durante três anos, passando a estudar sozinha após esse período. A entrevistada também relata ter aprendido a tocar um pouco de bateria para tentar resolver alguns problemas métricos.

A Pessoa nº 4 é cantora. Segundo ela, seu início na música foi através da família, já que seu avô tocava acordeon. Disse que estava sempre cantando e que, motivada por amigos e familiares, começou a participar de corais ainda criança. Aos 12 anos começou a fazer aulas de teclado, mas foi somente após os 22 anos que começou a fazer aulas de canto.

Podemos perceber que, neste pequeno recorte, a predominância do início do processo de aprendizagem se deu de forma autodidata. A Pessoa nº 1 não deixa explícito que seu início na bateria foi autodidata, mas pelo relato, percebe-se que mesmo estudando outro instrumento musical, perseguiu a ideia de tocar bateria e teve um breve começo sem orientação formal. As demais entrevistadas relatam iniciar a tocar e cantar de forma autodidata, buscando orientação formal após esse primeiro contato com o instrumento.

No que se refere ao meio familiar e social, percebe-se que amigos e familiares atuam de forma significativa no processo, seja de forma direta, como no caso dos amigos que ajudavam a Pessoa nº 2 a tocar, seja de forma indireta, como o estímulo que a Pessoa nº 4 recebia para cantar. Em relação ao estímulo advindo de artistas, somente a Pessoa nº 3 declara, de forma explícita, ter se inspirado em outras mulheres contrabaixistas. Não que isso não possa ter ocorrido com as demais entrevistadas, apenas não foi declarado.

Sobre o aspecto da formação do gosto musical, a Pessoa nº 1 comenta que sua família não escuta Rock, mas que ela assistia a MTV, e foi através da emissora que teve contato com o gênero musical. A Pessoa nº 3 comenta que seu interesse pelo Rock veio principalmente de sua mãe, que costumava ouvir Led Zeppelin, Mutantes, Stones, Pink Floyd e David Bowie. Segundo ela, com o passar dos anos começou a ouvir outros subgêneros, como o Grunge e o Punk. Declarou, no momento da entrevista, que estava ouvindo bastante Indie Rock porque tinham linhas de baixo divertidas de tocar. A Pessoa Nº 4 comenta que sempre gostou de Pop, mas que estava ouvindo muito Indie Rock. Também declarou gostar de Hard Rock por causa das habilidades dos vocalistas, e ouvir outros estilos como MPB, Bossa Nova, Jazz, dentre outros. A Pessoa nº 2 não comentou sobre seu gosto musical.

Podemos perceber que a formação do gosto musical das entrevistadas aconteceu de forma bastante diversa, sendo que uma delas não teve interferência familiar direta, e outra teve relação direta com a preferência musical da mãe, mesmo que tenha começado a ouvir outros subgêneros após a adolescência. Chama a atenção que a figura familiar que escutava Rock, no caso da Pessoa nº 2, seja sua mãe, visto que geralmente “são os homens que escutam Rock”.

Por fim, relacionando as três últimas perguntas, que se referem à discriminação que as mulheres sofrem no meio do Rock/Metal, trazemos alguns relatos que ilustram um pouco das vivências das entrevistadas.

A Pessoa nº 1 declara perceber que muitas vezes não recebe a devida credibilidade enquanto musicista, exclusivamente por se mulher. Comenta também que percebe uma espécie de “pressão do público” para que estejam constantemente se reafirmando como “capazes” de tocar Rock/Metal.

Por sua vez, a Pessoa nº 2 se incomoda com o fato de que quando as mulheres tocam, chamam mais a atenção por serem mulheres do que pela música que fazem: “só fica aí parada que tá ótimo”. Segundo ela, na prática, as mulheres precisam “provar constantemente que conseguem” para serem levadas a sério como musicistas. E ainda comenta: “Não só na cena musical, mas em todas as áreas, é preciso combater o machismo e a cultura do estupro”.

A Pessoa nº 3 conta que sofreu discriminação incontáveis vezes, seja em shows, em passagem de som, enquanto público ou colega de banda. Conta que uma vez foi inferiorizada por estar afinando o instrumento com pedaleira, como se não fosse capaz de

afinar de outra forma. A entrevistada conta que quando mostrava as gravações de sua banda para homens músicos, era bastante comum ouvir comentários como “eu teria feito isso aqui”, “tira a distorção aqui”, comentários que, segundo ela, muitas vezes soavam como “eu teria feito muito melhor”.

A Pessoa nº 4 entende que “existe preconceito de todos os lados: dos colegas músicos, das casas de show e até da audiência.” Comenta que sempre foi bastante difícil impor sua opinião em um meio tão masculino como o Rock, mas que considera ser um bom aprendizado. Diz que sempre existe uma dúvida por parte das pessoas do meio sobre “tua capacidade de estar fazendo música e sobre teu conhecimento musical”. A entrevistada ainda comenta sobre a “caricatura” associada às bandas formadas apenas por mulheres. Segundo ela, quando a banda é mista, parece haver menos essa discriminação, mas quando a banda é formada apenas por mulheres, são estigmatizadas como “lá vem a banda de gurias”, termo usado de forma pejorativa. Por fim, a Pessoa nº 4 ainda fala sobre o estigma de como as mulheres devem se apresentar e se comportar no palco.

Algumas considerações

Sabemos que este trabalho é um recorte pequeno e que, por esse motivo, não pode generalizar os processos de aprendizagem das mulheres que tocam em bandas de Rock/Metal. Trabalhos como os de Nyala Ali, Alexandra Apolloni, Regina Facchini e Maria Amélia Benicá de Farias⁶ mostram outros percursos na aprendizagem de mulheres que participam da cena Rock/Metal, que não necessariamente seguem o trajeto relatado pelas entrevistadas, de iniciar com aprendizagem informal para depois buscar a aprendizagem formal.

Porém, a maior parte das pesquisas realizadas com as mulheres que participam de bandas de Rock/Metal relatam as dificuldades encontradas por elas em ocupar esses espaços musicais. A discriminação pode ser explícita ou implícita, e encontra-se em todos os âmbitos da cena, seja no público que assiste aos shows, seja por parte dos colegas de banda, ou até mesmo pelos proprietários de casas de show, produtores, roadies e etc.

⁶ Vide Referências.

É inegável que o machismo interfere nos processos de aprendizagem musical dessas mulheres, pois aprender a tocar através de bandas de Rock/Metal ainda é um desafio e um ato de transgressão e resistência.

Referências

ALI, Nyala. From Riot Grrrl to Girls Rock Camp: Gendered Spaces, Musicianship and the Culture of Girl Making. *Networking Knowledge: Journal of the MeCCSA Postgraduate Network*, Reino Unido, v. 5, n. 1, 2012. Disponível em:

<<https://ojs.meccsa.org.uk/index.php/netknow/article/view/251>>. Acesso em: 15 jul 2021

APOLLONI, Alexandra. Rebel Grrrls in the Classroom: Vocality, Empowerment and Feminist Pedagogy at Rock and Roll Schools for Girls. *Thinking Gender Papers*. UCLA, California. 2008. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/0b18q8fb>>. Acesso em: 14 jul 2021

BLABBERMOUTH. Ex-white-zombie-bassis: 'I Had Girls Coming Backstage to Meet Me Thinking I Was A Dude. *Blabbermouth.net*, Dez 2010. Disponível em:

<<https://www.blabbermouth.net/news/ex-white-zombie-bassist-i-had-girls-coming-backstage-to-meet-me-thinking-i-was-a-dude/>>. Acesso em: 02 dez. 2020.

COLLINS, P. H; BILGE, S. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.

DAVIS, A. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.

FACCHINI, R. Não faz mal pensar que não se está só: estilo, produção cultural e feminismo entre as minas do rock em São Paulo. *Cadernos Pagu*. Unicamp, Campinas, n. 36, p. 117-153, 2016. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644991>>. Acesso em: 14 jul 2021

FARIAS, M. A. B. Enfrentando estereótipos de gênero em bandas de rock através de ações músico-pedagógicas inclusivas: uma pesquisa em educação musical em andamento. In: XIX ENCONTRO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 2020, Anais... Online, S/N. Disponível em: <<http://abem-submissoes.com.br/index.php/RegSul2020/sul/paper/viewFile/400/348>>. Acesso em: 20 jul 2021

KIRTLAND, J. H. *Not Just Tits in a Corset: celebrating women in metal*. Blurb, 2014.

LORENTZ, B. Trio feminino Nervosa fala do machismo na cena metal: Show de horrores nos comentários. *G1*, Out 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/rock-in-rio/2019/noticia/2019/10/04/trio-feminino-nervosa-fala-do-machismo-na-cena-metal-show-de-horrores-nos-comentarios.ghtml>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

MIRANDA, I. Nervosa: banda ainda lida com machismo, dos comentários aos nudes inconvenientes . *Whiplash*, Out 2019. Disponível em:
<https://whiplash.net/materias/news_750/310212-nervosa.html>. Acesso em: 02 nov. 2020.

MARTINELLI, A. Angela Davis: quando as mulheres negras forem finalmente livres, o mundo todo será livre. *Instituto Patrícia Galvão*, Out 2019. Disponível em:
<<https://agenciapatriciagalvao.org.br/destaques/angela-davis-quando-as-mulheres-negras-forem-finalmente-livres-o-mundo-sera-livre/>>. Acesso em: 22 jul. 2021.

SATTLER, J. *Epistemologia Feminista*. s/d. Disponível em
<<https://cpgd.paginas.ufsc.br/files/2019/05/Epistemologia-Feminista-texto-para-leitura-pr%C3%A9via.pdf>>. Acesso em 23 jul 2021